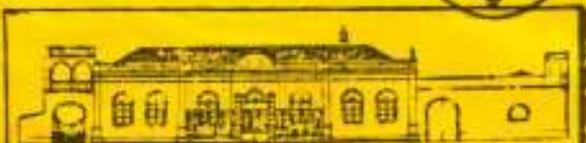




Museu do Traje  
São Brás de Alportel

Centro de  
Documentação



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 1012

Cota n.º 5-4  
4540

da Cultura António Bentes

Biblioteca

(Secção de Recortes)

# O Riso do Século XVIII

Violeta Crespo Figueiredo

Assunto: História

História, nº 6, Abril de 1979

CX 3  
Nº 10

Propriedade de  
**Publicações Projornal, L.d.ª**

Director de Edições  
José Carlos de Vasconcelos

**HISTÓRIA**

Director: Almeida Martins

Colaboram neste número Carlos Alberto Cutileiro, Jacinto Baptista, J. Cândido de Azevedo, Joaquim Barradas de Carvalho, José Mattoso, Mário Neves, Miriam Halpern Pereira, Paulino Mota Tavares, Victor Amorim e Violeta Crespo Figueiredo.

Departamento Fotográfico: Joaquim Lobo e Inácio Ludgero, com a colaboração de Armando Vidal.

Departamento Gráfico: João Segurado e José Pinto Nogueira, com a colaboração de Joaquim de Brito.

Serviço de Apoio: Maria João Leitão Múrias e Teresa Brás (Documentação), Helena Garcia (Secretariado).

Sede da Redacção e Administração: Avenida da Liberdade, 232-r/c dt.º — Lisboa 2. Telefones: 574520 / 574594 / 574643. Telex: 18386.

Direcção Administrativa e Comercial: António Gomes da Costa e Henrique Segurado Pavão.

Chefe de Publicidade: Luis Figueiredo.

Serviços Administrativos e Comerciais: Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º Telefones: 40437 / 41260 / 574520 / 574593 / 574643.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada. Avenida da Liberdade, 232-r/c dt.º — Lisboa 2. Telefones: 574520 / 574593 / 574643.

Impresso no «Jornal do Comércio»

Distribuição: Djornal — Distribuidora de Livros e Periódicos, Limitada. Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º dt.º — Lisboa 1. Telefones: 657350 / 657450 / 657870.

Capa: Caricatura de Salazar — pormenor da charge de Francisco Valença «O Escudeiro-Mor», publicada no número 454 do semanário humorístico «Sempre Fixe», de 31 de Janeiro de 1935, e que reproduzimos integralmente na página 7 desta edição.

**HISTÓRIA**  
UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
BIBLIOTECA DE  
ECONOMIA - GESTÃO - TURISMO  
Publicação mensal  
N.º 6 Abril de 1979

## Sumário

Os orçamentos e o «milagre financeiro» de Salazar	
J. Cândido de Azevedo .....	2
Uma portuguesa na morte de Puschkin	
Mário Neves .....	16
«Descobrir» e «descobrimientos»	
J. Barradas de Carvalho .....	30
O autor de «Mulheres, não procreeis!»	
Jacinto Baptista .....	40
A nobreza minhota na origem de Portugal	
José Mattoso .....	44
Política portuguesa: 1820-1853	
Miriam Halpern Pereira .....	55
A Inquisição em Coimbra no século XVII	
Paulino Mota Tavares .....	64
O riso no século XVIII	
Violeta Crespo Figueiredo .....	71
Figurinos militares	
Carlos Alberto Cutileiro .....	84
Jogos de Guerra	
Victor Amorim .....	87
Noticias .....	91
Livros .....	94

BIBLIOTECA DE  
ECONOMIA - GESTÃO - TURISMO  
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA  
N.º 248

# REVISTA INTERNACIONAL

edições  
*Avante!*

problemas da paz e do socialismo

## Campanha das 1000 novas assinaturas

Oferta

A todos os leitores que façam a sua assinatura nesta campanha serão oferecidos cinquenta volumes (\*) dos números da Revista Internacional publicados em português

### 50 volumes onde poderá encontrar

Artigos de destacados dirigentes dos Movimentos Comunista, Operário e de Libertação Nacional sobre os mais diversos temas de actualidade e de estudo como «Os Comunistas na Luta pela Unidade Democrática», «Perspectivas da Intelectualidade no Socialismo», «O Socialismo e a Ciência», «O Velho e o Novo no Anticomunismo», «O Carácter da Classe da Revolução Americana», «O Socialismo e a Interpretação Católica de Esquerda do Humanismo Cristão», «A Cultura, os Intelectuais e a Classe Operária», «Os Comunistas e a Segurança Europeia», «As Questões do Petróleo», «O Patriotismo e o Internacionalismo dos Comunistas», «O Sionismo e a Luta de Classes», «Os Comunistas nos Parlamentos dos Países Capitalistas», «A Liberdade de Informar», «O Homem no Mundo da Informação», «A Democracia Americana, a CIA e o FBI», «A Indústria das Notícias — os MCS na Sociedade Burguesa», «Os Comunistas na Empresa», «O Sentido da Criação Artística», «A Educação Comunista dos Jovens», «A Luta das Mulheres», «A "Internacional Socialista" — o que é?», «Sindicatos: qual a sua acção?», «As Concepções Burguesas dos Processos Ecológicos», «O Exército e o Povo», «Literatura e Luta de Classes», «O Materialismo Dialéctico e a Ciência Contemporânea», «O Fenómeno do Filme Político».

(\*) Foram já publicados em português 54 volumes da Revista Internacional. Encontram-se porém completamente esgotados os números 1/74, 2/74, 3/74 e 1/76.

#### QUE FAZER PARA SER ASSINANTE E RECEBER A OFERTA?

- 1.º Entregar o boletim e a respectiva quantia numa das Populares Livrarias CDL onde lhe serão entregues de imediato os volumes-oferta, sem qualquer encargo;
- 2.º Pode também enviar o boletim pelo correio, acompanhado de cheque ou vale postal no valor da assinatura pretendida e mais Esc. 200\$00 que se destinam exclusivamente ao pagamento dos portes dos volumes-oferta que lhe serão entregues pelo correio (se o envio da oferta for para qualquer país estrangeiro, o preço dos-portes é de Esc. 420\$00).

ASSINE A REVISTA INTERNACIONAL  
CDL - DEPARTAMENTO DE ASSINATURAS  
Av. Santos Dumont, 57, 2.º — 1000 Lisboa

#### TABELAS DE ASSINATURAS (1 Ano/12 Números)

	Via Normal	Via Aérea
Portugal	24800	36800
Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique	24800	60800
Espanha	24800	36800
Europa	38400	50400
Outros países	38400	74400

NOME \_\_\_\_\_  
MORADA \_\_\_\_\_  
LOCALIDADE \_\_\_\_\_  
FREGUESIA/CONCELHO \_\_\_\_\_  
Desejo assinar a REVISTA INTERNACIONAL  
Para o respectivo pagamento envio Esc. \_\_\_\_\_ \$ em  
cheque n.º \_\_\_\_\_ /vale de correio n.º \_\_\_\_\_  
sobre Banco ou Estação de Correio \_\_\_\_\_  
Caso pretenda levantar numa das Populares Livrarias CDL,  
indique qual.  
NOME \_\_\_\_\_  
LOCALIDADE \_\_\_\_\_



Lucrecio

Flavio

Juliano

## Papéis volantes do século XVIII

# 6. Riso

*Violeta Crespo Figueiredo*

«Ora vejamos armar hũ theatro, apparecer nelle hum vil representante, propor hũa quimera, hũa ilusão, hũa fabula; oh valhanos Deos; & que atenções que leva! Com quanto gosto se ouve! horas & horas parecem instantes; & não bastam todas as palavras para o applauso, para explicação do gosto, & do divertimento. Pois hum livro de comedias! Humas novellas bem cheyas de casos lascivos, & atrevimentos! Em quanto se não acaba o livro, e se esgota a peçonha, não está satisfeita a aceytação. Meu Jesus Crucificado: Estes são os vossos Catholicos?»

Fr. Manuel Guilberme, «Conselheiro fiel», p. 44;  
1727

É verdade: em 1727 quem quisesse divertir-se lendo livros profanos só tinha escolha entre as comédias ou as novelas (e ainda assim correndo o risco de sofrer admoestações tesas, como se está vendo...).

Os outros livros não eram próprios para folgar: estavam carregados de erudição, de citações, de imagens — serviriam para quem quisesse tornar-se *discreto*, nunca para quem quisesse rir-se.

Que haviam pois de fazer os leitores feitos? Ou se resignavam e ficava o assunto arrumado, ou largavam a ler, muito à socapa, os inúmeros poemas satíricos, obscenos e escatológicos guardados, manuscritos, pelas prateleiras das bibliotecas.

Caso frequentassem academias ainda podiam também desforrar-se compondo poemas jocosos. (Que na altura nem se usava o termo assim em cru: empregava-se, hipocritamente, o eufemismo *jocosério*, porque não parecia de bom tom andar por aí uma pessoa a rir-se à farta quando este mundo era — e todos o repetiam, desde o frade jacobeu ao compilador de notícias históricas, passando pelo autor de novelas galantes — um vale de lágrimas, um teatro de aparências enganosas que, ao mínimo descuido, nos remetia para o inferno).

Mas voltemos às academias, para fazermos uma ideia de como o *jocosério* lá tinha cabimento.

Imagine-se uma sala de palácio, e nela uma série de cavaleiros, fidalgos, eclesiásticos, funcionários régios, médicos, bacharéis, genealogistas e também, para animar, alguns esfomeados poetas repentistas.

Todos eles estavam cansados depois de terem rimado, ou de terem ouvido rimar, sobre os assuntos dos temas obrigatórios, heróico e lírico. Nenhum desses dois temas tivera real interesse, como de costume. Adequavam-se apenas à ideologia dos aristocráticos mecenas: o tema lírico era uma frioleira e o heróico uma basólia, do género «Hum soldado Portuguez, na India, faltando-lhe bálãs para atirar aos inimigos, arrancou os dentes com que carregar a espingarda» (1).

Chegava então o habitual terceiro tema, o *jocosério*. Por mais insípido que fosse, pelo menos não obrigava a fingir gravidade: que desaforo!

Acabava-se a academia e o *jocosério* continuava a ser festejado, como diversão poética; nem o conde da Ericeira, árbitro das elegância literárias, o enjeitava.

Mas era uma diversão perigosa. Em breve os académicos mais indisciplinados passariam a usá-lo para troçar dos absurdos temas que lhes tinham sido impostos. E, desse modo, o *jocosério* acabou por ser um importante factor de degeneração das academias, que entrariam em declínio na década de 1740.

Porém, muito antes disso, correndo em *papéis volantes*, já o *jocosério*, cada vez

mais jocoso e cada vez menos sério, ganhara outro público que não o das academias.

## Tomás Pinto Brandão

Tudo começara em 1728, com um epitalâmio *jocosério* ao casamento do conde de Vimioso. Fora seu autor Tomás Pinto Brandão, o maior dos poetas chocarreiros do tempo, homem de todos os diabos, que tinha andado pelo Brasil, fora depois preso para Angola e de lá voltara rico para gastar o dinheiro na boa vida lisboeta. Agora tinha quase sessenta e cinco anos e nem dez réis no bolso. Poetava pelas academias, escrevia versos ao rei, aos grandes, a quem lhe valesse com comida e dinheiro.

Até que um belo dia o tal epitalâmio ao casamento do conde de Vimioso, impresso na Oficina da Música, deve ter chamado a atenção do impressor (um músico espanhol chamado D. Jayme de la Té y Sagau) para os subaproveitados talentos poéticos de Tomás Pinto. Impressor e poeta associaram-se então para a publicação de *papéis volantes*: os primeiros papéis jocosos de assunto actual que o século XVIII viu.

Dessa associação, devidamente abençoada por D. João V, resultaram, pelo menos, duas séries de papéis.

A primeira, que foi saindo durante o ano de 1729, compunha-se de cinco unidades, com paginação contínua, tendo por tema comum o casamento do príncipe D. José.

Causava estranheza a muita gente boa ver assim tratado com gracejos um assunto tão solene. Porém o rei, a quem Tomás Pinto tinha caído em graça (não seria por muito tempo...) consentia; quem sabe, talvez pensasse ser aquele um bom meio de estimular o amor do povo pela família real...

E Tomás Pinto rejubilava:

*Ora, senhores Cegos, lá vay esta,  
que he tocante, ou cantante à mesma festa (...)*

*cantem tanto com ella,  
que atè me chegue à boca o ecco della;  
porque o Impressor, e eu tambem cantemos;  
pois da impressão, e do canto he que come-*

N.º 1

## FOLHETO

DE AMBAS

LISBOAS.



Notícia do Assumpção.



**C**OSTUME louvavel he nos Reynos estrangeiros, introduçãõ postosa, em varias nações do Mundo o uso do Folheto, que agora nella Corte pretende introduzir a minha curiosidade, levado talvez do gregiolo exemplo em tantos Imperios, com justificada razão bem avaliada: porém antes que profiga o assumpto que pretendo, he necessario dar razão do meu dito: venha ao theatro do do Mundo o amigo FOLHETO, que ha de fazer o seu papel de gregiolo: queira Deos he achem pilhas em quantas elle differ graça.

FOLHETO, senhores meus, he palavra estranha; natural de Italia, e val o mesmo que bugeria, he um rabo-leva da Gazeta, e he hum noticiosa chacorrice, he hum desenhado por modo de novidade, e he hum sainete, e he hum parodiador do officio, posto no linguete da realidade de he chancu lam critico de Renence o que se segue

A primeira publicação periódica e humorística portuguesa

mos.

*Naõ haja mais Poetas,  
do que os das Relações, e das Gazetas;  
disto se come: ah Christo,  
quem tivera mais cedo dado nisto!* (2)

A segunda série, de 121 páginas, abrange os anos de 1730 e 1731. São assunto jornadas reais a Mafra, um passeio de Rio de Mouro a Mafra, uma procissão, uma sátira aos sebastianistas: tudo assente mais em trocadilhos, subentendidos e malícias várias do que em descrições da realidade concreta. Mas de gongórico pouco ou nada, para grande alegria dos leitores menos cultos. Era um consolo a ironia toda gingona com que ele começava uma das suas «Jornadas a Mafra», numa provável alusão à lei contra os freiráticos:

*Cansado eu já de ocioso,  
que era andar pelo Rocio,  
(unico divertimento*

O que era afinal esse *Folheto*?

Era a primeira publicação humorística periódica portuguesa, de seu nome completo «*Folheto de Ambas Lisboas*» (1730-31? ou 1730-31 e 1735?). (5)

O *Folheto* foi uma espécie de produto híbrido, mistura de gazeta e de papel avulso, já que muitos dos seus números (11 num total de 26) eram apenas papéis jocosos. (6) Mas, ainda que assim não fosse, sempre estaria ligado à história dos papéis volantes, pois, em certa medida foi ele o detonador da explosão de papéis divertidos que se havia de verificar nos anos seguintes.

Na modorra geral, ele apareceu com a violência da novidade mais inesperada. Imagine-se, só, a surpresa dos leitores ao lerem as frases iniciais do primeiro número:

*«Folheto, senhores meus, he palavra estranha natural de Italia, e vale o mesmo que bugeria, he hum rabo-leva da Gazeta, e hum noticiosa chacorrice, he hum desenhado por modo de novidade, e he hum sainete,*



omo esgravatador do appetite, palito no anquete da ociosidade.»

Um rabo-leva da Gazeta, da Gazeta de Lisboa, cujas notícias D. João V controlava le perto?! Custava até a crer, por mais que o autor explicasse que noutros reinos se fazia o mesmo.

Enfim, o escândalo era relativo. Era verdade, por exemplo, que o Folheto substitua as guerras da Europa, que a Gazeta sempre incluía pelas bulhas entre o rapazio dos bairros rivais, assim como substituiu os casamentos dos grandes pelos casamentos de mendigos; mas era também verdade que esse paralelismo não mostrava nem metade do alcance crítico que poderia ter, porque o ridículo caía todo sobre a gatinha miúda de Lisboa, a sua fala, os seus costumes.

Não eram notícias avantajadas. Anunciava-se, por exemplo, que um grupo da Rua do Castelo Picão ia todos os domingos de romaria, com descantes, à ermida da Penha de França, onde se guardava um célebre lagarço empalhado; *copiavam-se* sem piedade as cartas de namoro, cheias de erros e metáforas marítimas, de um fragateiro a uma peixeira; e o mesmo se fazia às cartas de desafio entre os *magnates* (era assim que se dizia...) dos ranchos do Bairro Alto e da Madragôa ou às cartas escritas em *meia-lingua* pelos chefes dos ranchos de escravos, rei Angola, rei Mina e rei Índia.

Para onde o veneno ia todo era para uma inventada Academia Fleugmática, pretensamente composta pela fina flor dos doidos, bêbados, vagabundos e donatos pedinchões de Lisboa.

Os partos literários destes ilustres académicos serviam ao Folheto de pretexto para achincalhar, da maneira mais cómica e directa, as produções das academias versejantes. A própria Academia Real de História, com os seus elogios fúnebres e as suas orações ocas e barrocas, apanhava por tabela quando o académico fleugmático Domingos Esparteiro fazia um «Larido Joco funebre» à memória do seu colega João de Almeida, bêbado inocente: « — *Quem me dá huma facada? (Inconsolaveis, estromboticos e muy jumentaes Academicos) Quem me dá*

3416<sup>ca</sup> 61



PRATICA DE TRES CABEC,AS  
EM TRES DISCURSOS,  
**ROMANCE**  
DE  
THOMAS PINTO BRANDAM.

Primeira cabeça. *Memento, latro.*

**T** Em mão, ladrao caminheiro;  
Que ávante não mudes;  
E não fo quezo que páres,  
Porém que também recues,  
Pois do meu equal adoces,  
Antes que a vida te culte,  
Da minha cabeça podes  
Tirar coiza que a tua cutes.

A No:

Neste papel Tomás Pinto também criticava o Folheto, que considerava escrito «em prosa adúltera e verso somítico»

*huma facada? que he justo que leve Barrabás a Academia já que levou a brêca o Senhor João de Almeyda»* — ou quando o secretário Joseph Cassapo se punha a discursar forte sobre a sabedoria:

«*Não ha parte do Mundo onde a sabedoria não seja exaltada: em Drosnn, Cidade antiquissima no mar Adriatico, appareceo huma manhã sobre huma columna de vento: hum quarteto em louvor dos sabios, que habitavaõ a tal Cidade; e dizia assim:*

*Vit xel zumborgg palmanzeff  
in l'sursdalia salerite  
quatvimene knene, e vite  
haviture à mesa erteff*

*Está discretissimo; foy muito louvado o engenho, que o fez; mas até agora não se sabe o que quer dizer.» (7)*

Em três penadas satirizava-se a empáfia e o culto da monumentalidade, tão característicos das mais reputadas figuras literárias da época: «o Baba do Socorro [outro academi-

co fleugmático] *pedio publicamente os assistentes, lhe fizessem obras em louvor de hum livro, que actualmente estava compondo, a que dava por titulo Os Diminutivos do Mundo, e suppoem chegarà a obra com Index, e Supplementos, a cento e dez tomos; que estava com o primeiro, mas que brevemente lhe poria a todo o jogo a ultima mão...*» (8)

Sempre saltitando, o Folheto virava do avesso tudo o que na Gazeta ia contra o bom-senso. Falava ela, com a mais sisuda minúcia, de monstros aparecidos aqui e ali? Pois o Folheto logo noticiava, muito expedito, que em Porto de Muge aparecera uma fera, a que se fizera montaria. Depois de morta se vira que era uma formiga, «*de tão extraordinaria forma, que tinha duzentos palmos, e tres polegadas, e só a forçura pezou quatorze arrobas, e arratel e meyo. Já ficou descansados em parte, que em todo não, porque recead haja geração deste bicho, e tornem a ter segundo susto, tão grande, como o primeiro.*» (9)

A Gazeta anunciava os méritos pedagógicos de algum desses estrangeiros de passagem, professores de linguas, e o Folheto, por seu lado arremedava:

*A esta Corte chegou hum Inglez, por nome Smirn Trunff, e mora na travessa da Pivide, que ensina brevemente, e com fundamento a fallar Gallego. faz conta de deterse aqui seis annos, e passar a Constantinopla, e Galliza ao mesmo ministerio.* (10)

## Depois do Folheto facécia e sátira

O Folheto não passou do n.º 26. Mas a sua lição ficou e frutificou, bem aproveitada pela literatura avulsa, em face de grande expansão.

Os papéis clandestinos multiplicavam-se (11), e o controlo oficial mostrava-se ineficiente. Em consequência a galhofa crescia, uma galhofa doida, virada aos quatro ventos — incapaz de chegar à critica profunda, é certo, mas não deixando por isso de reflectir

crise cultural da época.

Troçava-se dos temas em voga, atraindo o leitor com títulos mirabolantes de histórias de turcos e de monstros (12) e dando-lhe depois a ler um discurso faceto. (Assim se acabava com o respeito cego pela palavra escrita, pela autoridade dos autores, o que era afinal contribuir indirectamente para o sucesso da critica moderna...).

Em Coimbra os estudantes deixavam-se de rifas e passavam a arranjar dinheiro publicando jocosidades, estratagemas já receita-do em 1741 pela «*Feição à moderna ou logração disfarçada, quimicas à surrelfã, e ideas de tratantes, novamente inventadas para passar la vida Escholastica na Universidade de Coimbra à Cavalheira com applauzo, boa vida, e dinheiro sem assistência de mezadas.*» (13)

Latinório, conceitos graves, epopeias, ia tudo mais alto que os ares quando estudantes poetas se decidiam a dar ao prelo um «*Sabonete Delphico*», um «*Palito Metrico*» ou uma «*Carta de guia para novatos... para cursar a Universidade de Coimbra com grandeza na codea, e xelpa*», sublime poema que começava assim:

### Canto unico Argumento.

*Escreve-se a feição dos Veteranos,  
Não do rosto a gentil physionomia,  
Mas com grandeza os largos annos  
Esta possad cursar Academia:  
Calotes se descrevem cujos damnos  
Disfarce cada qual por bizzarria,  
C'o mais que cantarey neste meu canto,  
Se a Musa me ajudar a cantar tanto.* (14)

Não se tratava de um poema heróico-cómico de conteúdo iluminista. Esses vi-riam do estrangeiro, tal como viera o «*Aresto Burlesco*», tradução do francês, que se ocupava em troçar violentamente da ciência aristotélico-escolástica. (15) Mas haveria muitos papéis assim declaradamente antiaristotélicos? Não temos noticia deles.

Em contrapartida, a reacção contra o Fa-



Luzes, parecia anunciar-se já. Um dos sinais precursores era a grande irreverência para com as coisas da religião que se notava em certos papéis jocosos. Uma irreverência que, às vezes, resultava apenas da degenerescência do sentimento religioso.

Que pensar, por exemplo, da petição escrita a D. João V pelos alegres treiráticos encarcerados (depois reeditada clandestinamente em 1736), em que os suplicantes parafraseavam desta maneira o padrenosso?

Onde parava a lisonja e começava o desrespeito pela religião?

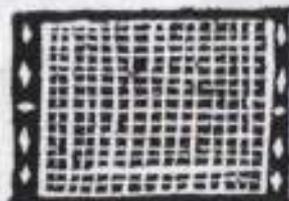
*Munarca augusto a quem todos  
No desterro em que nos vemos  
He muy preciso chamemos  
Padre nosso.*

*He taõ grande o zello vosso,  
E tanto louvor merece  
Que já na terra parece  
Que estais nos Ceos... (16)*

Por outro lado a polémica do anti-sigilismo, que opunha Inquisição e *jacobeus*

CARTA  
GERAL,  
DE HUM  
COMPANHEIRO  
A OUTRO,  
QUE SE ACHAVA  
EM  
ANSTERDAM.

A. ANFO



1736.

ANSTERDAM.

JEANNE ROGER.

(17), também dava azo a que comes  
levantar-se publicamente objecções  
tremismos devotos: Não he certo que hum  
Santaõ/Hipocrita a Deos provoca/A Deos  
trazendo na boca/E o demo no coração/E  
que fazendo oraçaõ/Os que o vem rezam  
mal dele/E que lhe surram a pele/No sagra-  
do Tribunal? — perguntava a «Satyra Mo-  
ral contra os vicios em comum», parte II,  
publicada em 1737. (18)

Nesse clima de crise a facécia anticlerical  
era bem recebida. Podia ser indefinida, co-  
mo a da «Carta em resposta de outra vinda  
do Brasil a esta Corte», cujo autor (que su-  
pomos ter sido um eclesiástico) se punha a  
parodiar um missionário, querendo conven-  
cer o correspondente brasileiro a que seguis-  
se o desengano do mundo:

«Ah senhor que bem fora tomar essa re-  
solução deveras, lembrando-se das muitas  
mogigangas, que nesta vida tem feito, sendo  
cruzdiabo na porção do desenfado, fazen-  
do-se mascarado lascivo na serenata do ocio,  
sendo melquetrefe da serveja na caza de pas-  
to da luxuria cuchicando galhofas, e esgara-  
vatando furias, escarnicando femias, e taba-  
queando chullas, bebendo delicias, e mijan-  
do desgraças, senhor advirta que este mun-  
do não he outra couza mais que hum thea-  
tro aonde v.m. tem representado a sua fra-  
ça, no papel pacento da sua vida, e só foi ga-  
lan para o gosto pode ser também lacayo pa-  
ra o castigo...» (19)

Podia ser também muito mais vilenta e  
heterodoxa. Assim acontece no magnifico  
«Sermão da Ressurreiçaõ de Bacho» (20)  
que apesar dos seus ares goliardescos, talvez  
possa ser considerado um dos mais apurados  
papéis jocosos de todo o século. Algum es-  
tudante o fez, em horas de raiva a postilas e  
lições:

«Entraí outra vez em outra casa taver-  
narum intratae, e que vedes muitas pes-  
soas, huns tocando no escangalhado ma-  
chinho, outros repinicando a fofa do velho  
pandeiro, outros desengonçando-se todo em  
cabriolas; e quem faz essa galhofa, quem?  
(...) Quem, o nosso amado Bacho; pois elle  
he só o Mestre, que da cadeira da pipa dita  
os melhores parrafos de quartilbis, & me-

MUSEU do Traje  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação

*bis; elle he só o que ensina na  
reitorica ua bebedisse as figuras da eloquen-  
cia, os trapos, ou os tropos; a apreheisaõ do  
copo, o juizo de cabaça, e discurso, ou de-  
curso pella goella abaixo; á fieis fieis, olhay o  
mar e vereis bateis; eu me explico, olhay pa-  
ra aquelle mar de bebados: bebedorum ma-  
re, e velos-heis como bateis, ja metendo á  
orsa; velos-heis como Náus em vento, des-  
feitas as gaviias, e arreado o traquete do ca-  
pote: ' A fieis fieis, e que favores não deveis  
ao nosso amado Bacho taõ milagroso mi-  
lagrosus Bachus; ora a respeito disto ouvi  
hum caso, que o Doutor Malmedes traz no  
Cap. trinca a traz do lib. 6. folhas secas sor-  
venta e duas...»*

O remate do sermão, fazendo alusão a lo-  
cais de Lisboa, era de uma irreverência que  
não podia deixar dúvidas quanto à increduli-  
dade do autor: «... assim cheyos de vòs, par-  
tindo dos olivais do monte, e passando pela  
graça, venhamos a quebrar a cabeça na cal-  
çada da gloria./Tres canadas pesso por cari-  
dade, a primeira pela manhã, a segunda de  
tarde, a terceira á noite.»

O que é certo é que o papel teve compra-  
dores e leitores... Para os moralistas o pano-  
rama enegrecia-se: agora viam-se obrigados  
a acrescentar mais um defeito à lista dos de-  
feitos a anatemizar:

*Que haja muytos atheistas,  
Que pelos costumes seos  
Não crem no que disse Deos  
Pelos quatro Evangelistas  
Que só vivaõ dogmatistas,  
Cuidando no seu prazer  
Que ha só nascer, e morrer,  
Não crendo no Inferno, e Gloria  
He boa historia! (21)*

Com Pombal, a quem desagradava o ul-  
tramontanismo do clero jacobeu, a troça aos  
beatos é discretamente encorajada. Sem pre-  
cisar de impressão clandestina sai então a  
público a divertida «Historia Selvatica, Epi-  
lectica, Nautica, e Apocrifoverdadeira de  
huma grande façanha, que obrou antehon-  
tem hum Eremitaõ vagabundo na charpeada  
de Escaroupim, encontrando quatro la



*roens, que o queriaõ roubar Orde  
e o bico do pe até á cabeça Pelo Chronista  
la Ordem, que cada hum dá á sua vida: para  
abal satisfação dos senhores, que não que-  
em crer nada do que se lhes conta sem cer-  
idaõ authentica» (1754).*

O Eremitão era *hum arrayano deste Rei-  
to, um patusco que depois de ter estudado  
sete anos as artes ficou sabendo muita letra.  
Fez-se donato de hum recolhimento, pre-  
gando também seus sermoenzinhos pelo  
estyllo francez.*

*«Em fim: percorrendo hum dia em quaõ  
bezados eraõ os trabalhos deste mundo, por-  
que ja não podia com o pezo de setecentos  
mil reis que no discurso de cinco annos (...)  
tinha ajuntado, determinou voltar para a  
sua terra; e de caminho fazer huma visita a  
hum Irmaõ que tinha no pinhal de Azambu-  
ja, aprendendo a tirador de prata. De noite,  
no meio da Charneca, chegam ladrões para  
o roubar e ele «tirando humas disciplinas de  
ferro, que trazia como ferramenta do Offi-  
cio de hypocrita, se poz diante do Oratorio  
[que trazia para pedir esmolas] de joelhos a  
disciplinares. Assim logrou os ladrões bem  
logrados...»*

Com o seu remoque aos *modernos*, «que  
não querem crer nada do que se lhes conta  
sem certidão authentica» e a piadinha ao es-  
tilo natural ou francês («sermoenzinhos pe-  
lo estylo francez»), a «História Selvática»  
não parecia muito afeiçoada às ideias *estran-  
geiradas*. Contudo, quanto ao seu objectivo  
final, ela era, em absoluto, anticastiga. E isto  
porque prevenia contra os *hipócritas*,  
que viviam sempre falando do desengano do  
mundo — o desengano do mundo que, preci-  
samente nesse momento, estava sendo usa-  
do pelos *castigos* como último «argumen-  
to» contra a filosofia moderna: se neste tea-  
tro enganoso do mundo os sistemas filosófi-  
cos sempre se tinham sucedido e mutua-  
mente refutado — diziam eles —, podiam  
agora os *modernos* vir afirmar ser a sua filo-  
sofia a verdadeira?

## Ofensiva dos papéis de características populares

A crítica aos *jacobeus*, *beatos*, *hipócritas*

até nos testamentos e serrações  
de velha encontrava lugar. Por exemplo, no  
«Testamento de huma velha, que se acha na  
cidade de Lisboa, de idade mil setecentos e  
cincoenta e dous annos Cerrada por Mon-  
sieur de los Tiempos á vista de toda a cele-  
bre marotage», dedicava-se ao assunto um  
número de versos bastante grande em rela-  
ção ao total, acabando a velha por recomen-  
dar expressamente que se dessem aos beatos  
quatro dúzias de açoites e às beatas outro  
tanto, mas com um rabo de raia... (22)

Como se pode supor, não era uma crítica  
que fosse além dos limites do já dito e redito.  
Aliás, sempre que os testamentos afloravam  
temas de crítica social faziam-no de maneira  
prudente, acompanhando as intenções poli-  
ticas dos governantes. Por exemplo, quan-  
do, em 1751, se publicou a pragmática  
proibindo a importação de certos produtos  
sumptuários, o «Testamento, e ultima dis-  
posiçam, que de seus ornatos... fez huma  
França» veio apoiá-la, muito resolutivo: a  
pragmática era oportuna «para não gastar  
ninguem mais do que pode» com «galoeno,  
/tissus, rendas de ouro, e prata,/Em que se  
consumia/Tanta riqueza, que no Reyno ha-  
via...». (Nem faltava uma alusãozinha aos  
«padres da Cotovia», «que dizem serem  
Padres dápanhia»...).

Porém, de um modo geral, os testamen-  
tos não se dedicavam à crítica social: eram  
apenas uma reinação com as gentes de pe-  
quenos-ofícios e com figuras populares dos  
bairros. E pareciam mesmo ser a cópia di-  
recta dos versos ditos nas serrações da velha  
no Rossio ou em Belém:

*«A meu Filho quero por testamenteiro  
Pois a este lhe cabe por direito,  
Ainda que alguém diga o que disser,  
Ele pode-me herdar como quizer.  
Fazendo-me hum enterro muito gran,  
Com bastante cera do algarve,  
Bastantes frades, e capados  
(...)*

*Deixo a Fulano da Costa Moreira,  
doze vintens para huma cabeleira,  
E quero que por capricho  
Traga cabileira de rabicho.  
Deixo a Rebolla,*

*Me favoreça com huma esmola,  
Ou seja de cal ou em dinheiro,  
Ou hum canudo de pós de cheiro.  
Pois como hoje sou serrada,  
Quero hir apolvilhada.» (23)*

Nunca se tinha visto publicar tantos testamentos juntos: de Judas, de Manuel Brás, de Maria Quaresma Bexiga, de Manuel de Passos, de Braz Salgado... (24)

As gentes precipitavam-se a comprá-los: todos os entendiam, a todos faziam rir, era uma alegria. (25)

Parecia correr como o vento, a vontade de folgar. Só às festas de touros, organizadas pelo Senado de Lisboa em 1752, faziam-se 40 (quarenta...) relações diferentes, em verso e em prosa. E de uma delas editam-se 5000 exemplares, que logo se esgotam... (26)

Que nos mostram estas relações? Mulheres atormentando os maridos para que as deixem ir à festa; caixeiros e aprendizes fazendo o mesmo aos amos; cozeiras, cozinheiras, lavadeiras, regateiras, franças e casquilhos agitando-se, dançando, discutindo e brincando, sempre por môr da festa, da festa e da festa, num alegre redemoinho.

Pela primeira vez há papéis feitos por gente do povo e para gente do povo. Pela primeira vez, também, os problemas laborais são tema. Na «Nova demanda e sentença a favor Dos officiaes, aprendizes, e de grado seram/Alviçaras Senhores Officiaes, e aprendizes que vay o Seraõ degradado» (1752) os oficiais e aprendizes vão procurar um juiz, pedindo justiça. Fala primeiro um aprendiz de sapateiro, que se queixa «do bebado do Mestre», e depois um aprendiz de alfaiate:

*A gente cá não he santa  
dalhe o sono algũa vez,  
vay o mestre assizinado,  
zabumba, caneca ay lé  
Truz catruz, quem merca os fuzos,  
se saltar a agulha vé;  
pois super mim a effuzaõ,  
me cabe naõ sendo Judão  
(...)  
que trabalhemos de dia  
Eu digo que justo he,*

*Porém trabalhar de noite,  
Isso nem mouros de Argel (27)*

O juiz deixou-se convencer e sentenciou contra o serão, que foi degredado para o Brasil, «ficando assim aquella congregação de levantados aprendizes, livre da sarna, que tanto o fio do lombo lhe comia, e tanto nos seus cachaços os coçava».

O sucesso dos testamentos e das relações de touradas estimulou autores cultos a procurar mais temas de características populares — ou, pelo menos, temas incluindo personagens do povo (ver nota 27).

Foi assim que nasceram a engraçada «Relaçam jocoseria da extravagante Demanda, Que trazem as do Curral com as [vendedeiras] do chaõ da Ribeira, e noticia da batalha que se deo em o dia vinte e hum de Abril. Composta por Lagostim Moréa, e Impresso em Agua de Peixes», toda escrita em tom herói-cômico, e, talvez, também a não menos curiosa «Nova Relaçam, e Divertida, que dá Conta de huma contenda, que tive-raõ o Trigo, e o Dinheiro, sobre qual era de mayor excelencia», cuja cadência narrativa se baseava na enumeração:

*«Tenho gostos, e passatemplos,  
Bailles infeites, e saraõs,  
Jogos, e divertimentos,  
Festas de touros, e comedias,  
Correr canas, e alcanzias,  
Convite, banquetes, mesas:  
Sou muy agudo de ingenho,  
Tenho muitas agudezas,  
Os engenhos do assucar,  
Os tirei de minha ideya...»*

Os proventos fáceis atraíam uma série de pequenos autores, que se punham a reinar de igual para igual com os homens e as mulheres das profissões mais humildes. Os seus títulos ingênuos, rematados por honestos etc, não enganavam quanto ao assunto da obra: «Nova Relaçam da Malicia dos Agua-deiros, Rabuge dos Ilhéos, traças, e Tramoias, com que costumãõ enganar as pobres Cozinheiras coutadinhas, etc», «Relaçam sobre a malicia da Corte, e seus nacionaes, pertencentes a essas pessoas que saõ Galegos, Lacayos,





Era assim que Clara Lopes tratava os seus doentes

*Arreeyros Taverneiros Tendeiros, e os Cortadores do Assougue, etc».*

## Histórias jocosas

Pouco a pouco a vigilância aperta-se, torna-se cada vez mais difícil imprimir clandestinamente, e a folia dos papéis jocosos abranda.

Entretanto já tinha havido oportunidade de publicar sem licenças algumas histórias divertidas — não muitas, como se a ficção tivesse sido desleixada em proveito da realidade actual, das serrações da velha, das touzadas, dos despiques, das cantigas inventadas de fresco.

Numa delas era nitida a influência do há muito extinto «Folheto de Ambas Lisboas». O próprio título já no-lo deixava adivinhar: «*Trabalhos de Clara Lopes, exemplar de Cristaleiras, e novo methodo de deitar ajudas pela critica moderna: obra posthuma do Vox Populi, e de novo addicionada por Manoel de Passos ho-*

*mem preto, natural e huma das terras que ficam debaixo da Zona Torrida.»* (28)

Clara Lopes era uma velha que tinha por profissão, dar clisteres aos doentes, empregando os mesmos métodos que o painel de azulejos documenta. Um dia passam pela terra em que ela vivia (Rabaçal...) os oficiais do cirurgião-mor, que lhe pedem a carta de examinação. Que pode ela fazer, sem carta para mostrar? Queixar-se à Câmara de Coimbra, que decide a seu favor.

Outro manhoso é o herói da «Nova Relação da vida, obras poeticas, e tragico successo de Lucas de Freitas Pimenta, Official de Poeta no Campo Imaginario, junto a Castello Picaõ», picarozinho natural de Córdova e arribado a Lisboa, onde fazia versos de encomenda, até apanhar uma grande tarefa.

Nem Clara Lopes (1751) nem Lucas Pimenta (s.d.) viram as suas habilidades reeditadas, segundo cremos. Outra sorte teve a «Historia Jocosa dos tres corcovados de Setubal Lucrecio, Flavio, e Juliano. Onde se descreve a equivocação graciosa de suas vidas. Escrita por hum curioso lisbonense» (1754, 1759), mais ingénua e cordata, e

sempre editada com todas as licenças.

Os três corcovados são três irmãos muito parecidos, serralheiros de ofício, pobres, obrigados a homiziar-se por um deles ter morto um estudante que os tinha vindo atezar à porta da oficina. Sempre perseguidos por causa da corcunda, acabam por separar-se.

As peripécias cómicas só surgem no final da história, quando os três irmãos são sucessivamente atirados ao Tejo por um *mariola* ou carregador, que julga estar sempre a atirar a mesma pessoa. Tudo acaba bem, afinal, com os três irmãos reunidos, casados e ricos.

Quanto à graça a obra não seria nada brilhante, não. Mas a época do humor insolente e malicioso tinha passado. Agora chegava a pacata década de 60, que se contentava com reedições e, nomeadamente, com reedições de nunca esquecidos papéis jocosos quinhentistas.

Encerrara-se assim o ciclo da galhofa, que tivera duas grandes fases: a primeira (iniciada com Tomás Pinto Brandão e, sobretudo, com o «Folheto»), corrosiva e desrespeitadora; a segunda, aproveitando-se da hesitação dos critérios de gosto (quando a aristocrática literatura barroca estava condenada e o gosto burguês ainda pouco definido) para recuperar temas populares vivos.

## Notas

(1) O tema vem indicado nos «Rasgos Métricos» de Alexandre António de Lima (Lx, 1742; p. 66), mas há muitos do mesmo calibre espalhados pelas miscelâneas manuscritas. A este fez Alexandre António de Lima um soneto que rematava dizendo que teria sido bom que o soldado não só arrancasse os dentes para balas como também arrancasse os bigodes para buchas...

(2) Começo da «Relação nova do fogo do Castello Pelo mesmo Thomaz Pinto Brandam», Lisboa, 1729. É nas «Alegres festas, Dadas por Thomaz Pinto Brandam. Alleluya» que Tomás Pinto confirma a sua associação com D. Jayme: «Festas dou aquelle amigo, / Com quem tenho sociedade / no genero que anda impresso; e não digo que he D. Jaymes».

(3) Poesia laudatória, publicada no livro de Tomás Pinto, «Pinto Renascido». A 1.ª edição, de 1732, ainda foi feita na Oficina da Música; a edição seguinte, de 1733, na de Pedro Ferreira.

(4) «A quatro ladroens sevandijas Vexame, E Antefolheto [Anti-Folheto] de Thomaz Pinto Brandam».

(5) O n.º 19, de 27 de Abril de 1731, começa assim: «Bairro Alto/Rua Fermoza 25 de Março/Os habitadores deste Paiz estaõ contentissimos com a morte da Quaresma, que faleceo ontem pela meya noite, de idade de 1735 annos...» Terá o Folheto sido impresso realmente em 1731, com data de 1731?

3481<sup>4</sup>

# NOVA RELACÃO

DA VIDA, OBRAS POÉTICAS,  
e tragico successo

## DE LUCAS DE FREITAS PIMENTA,

*Official de Poeta no Campo Imaginario, junta a  
Castello Picaõ.*




**E** Ntre as historias do tempo dos Godos, se acha a do famoso Poeta D. Lucas de Infantaria, ainda q não tanto arremellido; e feneão foy celebre por suas aventuras, he bem conhecido por suas desgraças. Foy natural de Cordova, donde feu pay, sendo alambre de boffas, acabou a vida em huma triste porreira, em que fazendo papel de cacho, effeve alguns uzas a dependura. Sua mãe, que era tambem fina, conin hum coral, tinha o officio de tecedeira; mas como nella a natureza era de cegonha,

A tuas

*Uma história que não seria reeditada*

Outro mistério: Inocência diz ser o redactor do *Folheto* Jeronymo Tavares Mascarenhas de Távora, conhecido pelo nome de *Papo-castanha*. Mas vários autores devem ter colaborado na redacção do *Folheto* que, sobretudo a partir do n.º 14, se mostra de estilo muito desigual. O n.º 21 e o n.º 23 é certo que não são da autoria de Jerónimo Távora, porque Vitorino José de Almeida declara tê-los composto, no «Catalogo do Tradutor», apenso à sua «Dissertação Fysico Moral», Lisboa, 1737.

(6) Eram as produções da *Academia Fleugmatica*, de que adiante se falará. O «Larido Joco Funebre», a primeira a ser publicada, ainda trazia a advertência: «Este papel pertence ao Folheto terceiro». As outras já saíram isoladas, constituindo cada uma um número — um número em que a paródia à *Gazeta* desaparecia.

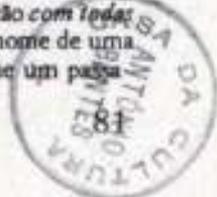
(7) n.º 9, datado de 3 de Setembro de 1730, e intitulado: «Primeira Assembleia dos Fleugmaticos, em que foy assumpto a sua Abertura, e Presidente o eleito Secretario Joseph Cassapo». O autor foi até ao ponto de empregar na oração de Joseph Cassapo, uma grafia mais antiquada que aquela que então se usava; uma grafia a canalizar com as ideias do orador...

(8) n.º 4, datado de 15 de Setembro de 1730, embora, em colóquio, se indicasse, junto do nome da oficina, o ano de 1731. Assim o autor arremedava o gazeteiro, que tinha por hábito atribuir às notícias chegadas de paragens longinquas uma data atrasada em relação à data real da *Gazeta*.

(9) n.º 7, de 6 de Outubro de 1730.

(10) n.º 4, de 15 de Setembro de 1730.

(11) Já desde 1736, pelo menos, que se imprimiam papéis jocosos que não tinham passado previamente pelas mãos venerandas dos censores do Santo Officio, do Ordinário e do Desembargo do Paço. Ostentavam um rosto sem a menção *com todas as licenças necessárias* ou traziam estampado o nome de uma oficina estrangeira, que às vezes não era mais que um país



3414<sup>13</sup>

13

ARRENEGOS,  
QUE FEZ  
GREGORIO AFFONSO  
CRIADO DO BISPO DE EVORA,

com outros Arrenegos de Gil Vicente de Lisboa,  
novamente impressos.



L I S B O A :

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.  
ANNO de 1766.

*Com todas as licenças necessarias.*

culpas.

Outras vezes, porém, os papéis tinham sido mandados impressos no estrangeiro, operação que não deveria ser ilegal, pois D. João de Butrago, grande livreiro com loja na Rua Nova, de frente da igreja da Conceição, importador de livros e papéis em língua espanhola, não via inconveniente em revelar publicamente no rosto da «Relação Burlesca que declara huma grande audiência que tiverão os gattos» que ela fora «Dada à estampa por D. João de Butrago, e à sua custa empenso Madri/En la Imprenta de Antonio Marin».

A mais produtiva destas oficinas estrangeiras (ou não...) foi a de Francisco Guevarz, na Catalunha, que, entre os anos de 1750 e 1755, inundou o mercado de papéis jocosos. Um deles, o «Testamento que fez Manoel Braz, mestre sapateiro» faz-nos saber que um Francisco David o tinha dado à estampa e impresso à sua custa, sendo depois a obra «mandada a esta Corte, e Cidade de Lisboa». Teriam todos os restantes papéis da mesma oficina sido mandados imprimir pelo mesmo Francisco David? Decerto que não, porque o «Testamento que fez Braz Salgado, Mestre Alfayate morador na Cidade de Meca» traz também no rosto a seguinte indicação: «Dado à estampa por Gil Botelho da Maya, e impresso à sua custa./Catalunha/En La Imprenta de Francisco Guevarz. e mandada a esta Corte de Lisboa»...

(12) Assunto já tratado nos n.ºs 1 e 3 desta série.

(13) «... Instrução breve, E proveitosos dictames, que deu hum Tratante de Lisboa a seu filho, querendo-o mandar para Coimbra no anno de Novato. Impresso em Madrid com las Licencias necesarias, em la Imprenta de Joseph Gonzalaz; vive en la calle del Arsenal. Año de 1741.

(14) «Carta de guia para novatos, vida importante, ou Chímica proveitosa, que hum tratante envia a hum seu amigo Para cursar a Universidade de Coimbra com grandeza na codea, e xelpa; Escrita em favor dos pata'os e offerecida a todo o molaheiro que della se quizer aproveitar por Bojame Bernardino de Albuquerque e Faro, Natural de Porto Calvo, e na Universidade de Coimbra Estudante na Faculdade de Leys»; Lisboa, 1765 (Trata-se de uma reedição).

As primeiras edições dos papéis jocosos dos estudantes de Coimbra na década de 1740 são hoje raras. A «Contraguia para os novatos do Parnaso, Resposta critica À Carta métrica de guia, enxertada em prosa, que para os Crioulos da Universidade, publicou Beijamim Bernardino de Albuquerque e Faro, natural do Porto, e Donato da Religião mendicante dos Poetas. Dedicada ao Senhor Antonio Rodrigues Flores, Meirinho desta Universidade, e antigo Professor da Poesia. Por Ninguem de tal cousa, natural de Nenhures, Auctor nunca visto, e Cursante em nenhuma Faculdade»; Coimbra, 1747.

(15) «Aresto burlesco Dado na Camara Maior do Parnaso em favor dos Mestres em Artes Medicos, e lentes de Philosophia da Cidade de Stagira no Pays das Chymeras para apoyo da Doctrina de Aristoteles, traducido do Francez». Em colofão: «Impresso em Salamanca este presente anno de 1745». O papel usado é mais alvo e espesso que o habitualmente empregue nos papéis avulsos.

(16) «Carta Geral de hum Companheiro a outro, que se achava em Amsterdã». Dizia-se impressa em Amsterdã, na oficina de Jeanne Roger, mas a apresentação gráfica rudimentar mostrava que fora impressa entre nós, clandestinamente.

(17) «Diremos pois que a jacobea se pode entender em sentido restrito e em sentido lato.

No primeiro caso, designa a reforma que, nos principios do séc. XVIII, Fr. Francisco da Anunciação organizou entre os eremitas calçados de Santo Agostinho com o fim de intensificar a vida de piedade e restaurar a estrita observância regular.

Em sentido mais lato, jacobea compreende, além dessa reforma, os reflexos da mesma, noutros institutos e pessoas e ainda, todos os movimentos reformistas afins que, a partir de 1723, sob o patrocínio e direcção do franciscano de Varatojo Fr. Gaspar da Encarnação visavam restaurar a disciplina, morigerar os costumes, alveorar a piedade, refazer, enfim, a vida

al do reino» (António Pereira da Silva, «A questão do sigilismo em Portugal no século XVIII», Braga, 1964; pp 122-3).

Alguns bispos jacobeus entraram em conflito com a Inquisição, que não consentia que os sacerdotes exigissem em confissão aos seus penitentes, os nomes dos cúmplices nos pecados. Sobre o assunto escreveram-se vários papéis avulsos, contra e a favor.

(18) Autor: Franco de Assis de Amado e Luca. Também a «Definição da Secia», papel de 29 páginas que se dizia impresso «In Venezia, Nella Stamperia Baglioni, Anno 1746. Con licenza de Superiori», dedicava uma página inteira a dizer mal do «secia jacobeo... aquelle virtuoso varaõ, que inculcando-se todo espirito na observancia da boa vida, he todo corpo para a execução de seus appetites...»

(19) No exemplar da Biblioteca da Ajuda encontra-se a epigrafe, em letra da época: «Esta carta he feita pelo Padre Bras» (55-II-25<sup>22</sup>). Deve ser o P. Brás da Costa Mendonça, prior da igreja de S. Martinho de Sintra.

(20) «Sermão da Ressurreição de Bacho Pregado em dia de S. Martinho, dia em que sae a publico este admiravel Licor, dedicado, e offerecido A hum dos mayores freguezes da dita Confraria. Por P.P.P.D.P.»

De tema próximo e de talento muito inferior é a «Festa, e porção, que alguns sugeytos curiosos, e bem inclinados fizeram na Vespora de S. Martinho deste presente Anno de 1742. escripta em Tarragona por hum moderno, que recopilou em breve narrativa esta acção em tudo glorioza». Era mais um papel «Impresso en Catalunna en la Imprenta de Francisco Guevaza, e mandada a esta Corte, e Ciudad de Lisboa».

(21) Franco de Assis de Amado e Luca «Satyra Moral contra os vicios em commum» I Parte; Lisboa, 1736.

(22) O «Testamento» foi impresso em «Catalunna: En la Imprent de Francisco Guevarz». Há ainda um «Additamento ao Testamento da Velha que vay a serrar em que se ve que a huns enriquece, a outros aconselha», s.a.l.n.d. e uns «Embargos por parte de huma Neta da Velha, que ha de ir a serrar na Cidade de Lisboa este Anno de 1752. A fim de que se revogue o Despacho, como em Direito melhor lugar haja, sendo necessario, e se cumprir» (Francisco Guevarz).

(23) «Novo Testamento Que fez Maria Quaresma Bexiga natural, e moradora em Belem, a qual vay em este anno de 1752, a serrar», s.a.l.n.d.

(24) «Novo Testamento de Judas Que morreo afogado no Tejo, e enforcado por honra de seus parentes, este anno de 1752. á vista de todos os Barqueiros»; «Testamento que fez Braz Salgado, Mestre Alfayate morador na cidade de Meca».

(25) Mas para o librero espanhol que cá teria vindo em 1752 foi uma tristeza, porque não vendeu os livros espanhóis de Direito, História, Filosofia, Teologia «y otras sciencias» que trazia. Era a primeira vez que tal lhe acontecia, em trinta anos de jornadas a Lisboa. Regressou a Madrid muito arrengado e jurando que havia de cá tornar a vender «cuentos de viejas» semelhantes a esses testamentos que lhe tinham roubado a clientela... («Conversallorada. De un librero de la villa de Madrid Hecha a otro amigo, en el ancho de su Plaza, por el infausto sucesso, que tuvo con la venta de sus libros, en la corte de Lixboa. Por un curioso, que los observe en ella. En Madrid En la Imprenta de La Curiosidad, Viuda que quedo de Bendicto Paxorra».

(26) A «Relação contra todas as relações, que tem sahido impressas, depois que se fez publica a festividade de touros. E elogios encomiasticos a todos os seus Authores» (s.a.l.n.d.) refere os nomes e assuntos de cada uma delas. É sua, também, a indicação de que uma teve uma tiragem de 50 000 exemplares.

(27) O autor tinha alguma cultura, a julgar pelo começo. «Volitavaõ pelo ar os pavidos morcegos, chiavaõ nos ramos os nocturnos mochos...»; é propositadamente que emprega de pois uma linguagem popular.

(28) Con licencia en Sevilla en la Empronta del Correo Viejo/Año 1751

